

A LÍNGUA PORTUGUESA NO ESPAÇO LUSÓFONO: O CASO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

THE PORTUGUESE LANGUAGE IN THE LUSOPHONE SPACE: THE CASE OF SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Ana Alexandra Silva*

Universidade de Évora Portugal, Évora.

Maria João Marçalo**

Universidade de Évora Portugal, Évora.

Esmael Fernandes***

Universidade de Évora Portugal, Évora.

Resumo:

A situação linguística de São Tomé e Príncipe é caracterizada pela coexistência de seis idiomas: *o forro, o angolár, o lung'ie, o português, o tonga e o cabo-verdiano* num mesmo espaço geográfico, o que facilmente se prestará a interferências mútuas.

Este artigo tem como objetivo analisar o uso dos verbos *ter* e *haver* num contexto de uso oral da língua portuguesa, em São Tomé e Príncipe. Para tal procedeu-se à criação de um questionário, posteriormente aplicado a 25 falantes são-tomenses. Daí resultaram as seguintes conclusões: (i) há uma tendência de sobreposição do verbo *ter* em relação a *haver* nas construções que impliquem existência, ocorrência ou acontecimento no português são-tomense; (ii) há uma maior preferência dos falantes pelo uso do verbo *ter* em locuções verbais. Este estudo está teoricamente enquadrado em autores como Gonçalves (2012), Gonçalves e Hagemeyer (2015), Cuesta (1981), Cunha e Cintra (2015), Gonçalves e Costa (2002).

Palavras-chave: Português são-tomense. Uso dos verbos *ter* e *haver*. Variação linguística.

Abstract:

The linguistic situation of São Tomé and Príncipe is characterized by the coexistence of six languages: *forro, angolár, lung'ie, portuguese, tonga and capeverdean* in the same geographic space, which easily leads to mutual interference.

This paper aims to analyze the use of the verbs *ter* and *haver* in a context of oral use of the Portuguese language in São Tomé and Príncipe. For that purpose, a questionnaire was designed and applied to 25 santomean speakers. The following conclusions were obtained: (i) there is a tendency of overlapping of the verb *haver* with the verb *ter* in constructions that imply existence, occurrence or event in Santomean Portuguese; (ii) there is a *greater* preference for the use of the verb *ter* in verbal locutions. This study is theoretically framed by authors such as Gonçalves (2012), Gonçalves and Hagemeyer (2015), Cuesta (1981), Cunha and Cintra (2015), Gonçalves and Costa (2002).

Keywords: Santomean Portuguese. Use of the verbs *ter* and *haver*. Linguistic variation.

* Professora Auxiliar, Departamento de Linguística e Literaturas, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora, Évora, Portugal; aasilva@uevora.pt

** Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de Linguística e Literaturas, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora, Évora, Portugal; mjm@uevora.pt

*** Doutorando do PhD em Linguística, Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Portugal; esmaelnfernandes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A situação linguística de São Tomé e Príncipe é caracterizada pela coexistência, num mesmo espaço geográfico, de seis idiomas: *o forro*, *o angolár*, *o lung'ie*, *o português*, *o tonga* e *o cabo-verdiano*. Questões coloniais marcaram a existência das diferentes línguas no território. Identificam-se três períodos: (i) “a primeira colonização (em 1493), a que corresponde ao ciclo de açúcar; (ii) colonização, marcada pelas culturas de café e cacau (entre 1869 e 1875)” (Gonçalves e Hagemeijer, 2015, p. 91) e (iii) período de 1975 aos nossos dias, que se caracteriza pela democratização do ensino. Esta trajetória conduziu à expansão da língua portuguesa nas ilhas, sendo hoje uma disciplina fundamental, tanto no ensino geral como no superior (está presente nos diversos cursos definidos pelas universidades).

O ensino é, pois, considerado um dos principais promotores da língua portuguesa. A maioria da população, facto comprovado pelo Censo de 2012, elegeu o português como língua de comunicação. No entanto, este mesmo processo teve (e tem) um efeito devastador no seio da comunidade são-tomense relativamente ao uso da línguas crioulas. Gonçalves (2012, p. 413) afirma que São Tomé e Príncipe (STP) é palco de um processo de mudança linguística singular no quadro das ex-colónias portuguesas. Assim, se por um lado se assiste à perda de competência linguísticas nas línguas crioulas, por outro o português está cada vez mais enraizado na sociedade são tomense.

A complexidade linguística que se vive atualmente no país proporcionou a existência de uma variedade do português com características próprias, designada variedade são-tomense (PST). O nível de interferência do uso de *ter*, em oposição a *haver*, em construções impessoais no português falado em São Tomé e Príncipe constitui um fenómeno linguístico presente em falantes de extratos sociais variados. Esta variação linguística em São Tomé e Príncipe (STP) é, atualmente, considerada normal pelos falantes e aceite pela comunidade linguística. Pode-se argumentar que constitui o resultado da simplificação comunicativa a que está sujeito o português são-tomense, verificado não apenas no registo oral, mas também no registo escrito. Entre as diversas formas de variação que caracterizam o português são-tomense (PST), esta será, certamente, uma das mais comuns no país.

Gonçalves e Costa (2002, p. 49) destacam a utilização destas formas verbais no português contemporâneo, referindo que “(...) embora os verbos *ter* e *haver* tenham a mesma distribuição, a utilização do verbo *haver* é, em Português contemporâneo, muito limitada, restringindo-se essencialmente a textos escritos de índole literária.” Sendo o português uma língua viva e pluricêntrica, estará sujeita aos fatores que interferem com uma dinâmica social em específico. No caso que analisamos, aspetos relacionados com crenças, com

religião e com política têm o seu peso no uso que se faz da língua. Daí que Martinet (1991) tenha considerado que “(...) tudo pode mudar uma língua: a morfologia e o léxico; a ordem dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia.” (Martinet 1991, pp. 161-162).

A língua e a sociedade estabelecem uma relação de reciprocidade, permitindo a comunicação entre os falantes, através de códigos linguísticos específicos relacionados com o saber interiorizado de cada um dos membros. É através do princípio básico, que é a comunicação, que ocorrem influências mútuas entre a sociedade e a língua, já que o processo de interação está condicionado pelos aspetos sociais da vida de cada indivíduo.

Relativamente à aquisição e ao processo de interação, Chomsky (1986) considera que os falantes adquirem a língua por meio da convivência que mantêm com ela e com os outros falantes, o que significa que “(...) cada indivíduo adquiriu uma língua no decurso de interações sociais complexas com pessoas que variam quer no modo como falam e como interpretam aquilo que ouvem, quer nas representações internas subjacentes ao seu uso da língua” (Chomsky, 1986, p. 36).

Neste sentido, o valor que o falante atribui à sua língua está na capacidade de falar e compreender os enunciados de acordo com as regras da sua comunidade linguística. Assim, se explica que “(...) as línguas [sejam] o melhor espelho da mente humana” (*idem*, p. 21). A língua em uso depende da gramática interiorizada da língua que o falante possui, possibilitando-lhe estabelecer contacto com o mundo, nas mais variadas situações de comunicação, mas, para que isto realmente ocorra, ele deve, acima de tudo, compreender e refletir sobre o uso que faz dela de forma a corresponder aos seus anseios sociais, o que implica necessariamente o saber comunicar.

Neste sentido, ao utilizar a língua como um fator social na comunicação, deve-se *ter* em conta não só o emissor, o recetor e o que se diz, mas também outros fatores que concorrem para que exista comunicação: as motivações, as intenções, as escolhas, as razões de tais escolhas, bem como as eventuais consequências sociais destas mesmas escolhas. (Dias, 2011, p. 36)

A variação que se verifica em torno da língua portuguesa é deveras relevante, pois cada um dos países que a tem como língua oficial a torna sua. Nenhuma variedade poderá (ou sequer deverá) ser considerada superior a outra, pois a função social que exerce em cada uma das sociedades é a mesma: meio de comunicação nacional.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa implicou uma revisão bibliográfica em torno do tema da nossa investigação. De seguida, procedeu-se à realização de um questionário a 25 falantes são-tomenses, sendo 13 do género masculino e 12 do género feminino. O objetivo seria aferir os usos dos verbos *ter* e *haver* no contexto oral do português em São Tomé e Príncipe.

As expressões que constituem o questionário foram formuladas em 15 alíneas, contendo cada uma duas expressões com estruturas idênticas: uma com o verbo *ter* e outra com *haver*, distribuídas mediante o seguinte critério: (i) uso impessoal dos verbos *ter* e *haver* – 12 itens, que corresponderam a 24 expressões; (ii) *ter* com sentido posse – dois enunciados, perfazendo quatro expressões e (iii) *haver* e *ter* como auxiliares – um item, duas expressões. No total existem 30 enunciados no questionário, sobre os quais os falantes emitem juízo de valor relativamente ao seu uso.

A descrição e análise dos dados foram realizadas seguindo uma metodologia qualitativa e quantitativa.

3. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A interação comunicativa constitui uma das bases fundamentais para que ocorra variação linguística, a qual se pode manifestar ao nível fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. Cunha e Cintra (2015, p. 5) referem que a “(...) variação linguística é a propriedade inerente às línguas de se modificarem em função da área geográfica, da sociedade e do tempo, que resultam as diferentes variedades linguísticas.” Estas variedades podem ser classificadas de “(...) variedades geográficas, sociais e situacionais (...)” (Cunha e Cintra, 2015, p. 5).

A língua acompanha todo o trajeto quotidiano da vida do ser humano, provocando alterações sistemáticas consonantes com as exigências e circunstâncias da vida. Nesta ótica, Mateus (2002, p. 1) é de opinião que “(...) a nossa língua muda como mudam os nossos conceitos de vida, a nossa forma de estar, a arquitetura, a moda, o pensamento filosófico e científico e até a própria natureza.” Na mesma linha de pensamento, encontram-se Ferreira *et al.* (1996, p. 479) que partilham a ideia de que “a língua que usamos está sujeita à variação” e adiantam, ainda, que “(...) estando todas as línguas vivas sujeitas a fatores de mudança, a variação que delas decorre faz parte integrante da linguagem humana e pode ser estudada e descrita” (1996, p. 479).

O português não será a única língua a sofrer alterações em São Tomé e Príncipe. A coexistência linguística entre ele e os outros idiomas (crioulo forro, angolar, lung'iê, cabo-verdiano e o português dos tongas, ou tongo) faz com que haja interferências mútuas. No entanto, a incidência no português é considerável, devido ao elevado número de falantes que o utiliza como língua oficial. A variedade do português são-tomense é caracterizada por Afonso (2009, pp. 102-108), tendo em conta os níveis de interferência linguística existentes em STP:

- (i) nível lexical – algumas expressões são importadas do crioulo forro para o português e outras não têm correspondência no PE.

Tabela 1 - Variação lexical.

PST	Crioulo Forro	PE
flipote	flipochi	-----
mofino	mufino	Decadente
frontado	flontado	Guloso
odô	odô	almofariz

- (ii) nível fonético-fonológico – ocorrem no PST fenómenos linguísticos dos quais se destacam: elevação do /i/, monotongação dos ditongos /ei/ e /ou/, nasalização progressiva, aférese, apócope, como apresentados na tabela 2:

Tabela 2 – Variação fonético-fonológica.

PST	PE	Fenómeno linguístico
mi	me	Elevação do /i/
interar	enterrar	
discobriu	descobriu	
Quemou	Queimou	monotongação do ditongo “ei”
mandô	mandou	monotongação do ditongo “ou”
jaquera	jaqueira	monotongação do ditongo “ei”
Forminga	Formiga	Nasalização progressiva
Cimintério	Cemitério	Nasalização progressiva
dificuldade	dificuldade	Inserção da vogal /i/
Admirado	Admirado	
Télévisão	televisão	Não redução de vogais átonas
cômêçô	Televisão	
Trás	Atrás	aférese
companhar	Acompanhar	
leva	Levar	apócope
home	homem	

Fonte: Afonso (2009, pp. 104-108)

- (iii) nível morfossintático - omissão e/ou inserção de elementos; não concordância em gênero e número, utilização de pronomes pessoais (sujeito, complemento direto e indireto), como indicado na tabela 3

Tabela 3 – Variação sintática

PST	PE	Ocorrências
“Depois mãe dele disse...”	“Depois a mãe dele disse...”	Omissão do determinante artigo /o/
“...essa mãe queria guisado feijão...”	“Essa mãe queria o guisado de feijão”	Omissão da preposição /de/
“vocês veio”	“vocês vieram”	Falta de concordância sujeito e o predicado
“Põe meu filho cala boca eu mostra você onde que a tua tripa está”	Faz o meu filho calar-se e eu mostro-te onde está a tua tripa.	Uso de você em detrimento de <i>tu</i>
“ele foi ver ele”	Ele foi vê-lo	Emprego do pronome <i>ele</i> (pronome pessoal sujeito) como complemento direto em vez de <i>o</i> (pronome pessoal objeto direto)
“encontrou uma casa que tinha uma mãe e uma filha”	Encontrou uma casa em que havia uma mãe e uma filha	Substituição do verbo <i>haver</i> por <i>ter</i>

Fonte: Adaptado de Afonso (2009, pp.110-122)

Os diversos traços que caracterizam o PST são fruto da vivência dos seus falantes e dos contextos em que se estabelecem as interações. Na comunicação oral, o mais importante será a compreensão mútua, sendo que a identificação dos desvios à norma padrão deverá ser feita por aqueles que estudam a língua. Desta forma chegamos aos verbos *ter* e *haver*, que apresentam um uso, na variedade do PST, diferente daquele que existe para a norma padrão europeia.

3.1 CONCEÇÕES ACERCA DOS VERBOS *TER* E *HAYER*

Os verbos *ter* e *haver* são dois verbos que, ao longo do tempo, têm vindo a ganhar características semânticas no PST, afastando-se das formas semânticas estatuídas pela norma padrão.

Nas construções discursivas, cada um destes verbos é utilizado conforme a sua caracterização morfológica: *ter* surge como um verbo que seleciona um sujeito +humano em expressões em que é empregue como verbo principal flexionado, pertencendo ao grupo de verbos plenos.

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2015) indica que estes dois verbos também podem ser auxiliares antecedidos do participio passado e do infinitivo do verbo principal. Quando ocorrem como auxiliares precedidos do infinitivo, são antecedidos de “*de*”, para exprimirem obrigatoriedade ou a intenção de realizar algo (Cunha e Cintra 2015, p. 496), mas o verbo *haver*, com o sentido de *existir*, é caracterizado como um verbo que não seleciona sujeito (Cunha e Cintra 2015, p. 168).

Os verbos *ter* e *haver* são adstritos a expressões cujas estruturas semânticas são diferentes gramaticalmente. Existem, no entanto, casos em que os dois verbos podem ocorrer normalmente, ou seja, quando se trata de estruturas frásicas em que surgem como auxiliares. Também podem assumir a categoria de verbos modais, seguidos de “*de*” com o verbo principal no infinitivo, como referem Raposo et al. (2013, pp. 646-650):

1a) Tens de beber o leite já. (p. 647)

1b) Eu hei-de ver o filme. (p. 650)

As possíveis interferências ou desvios à norma padrão que possam ocorrer no uso destes verbos serão situações normais, uma vez que a língua é instrumento que permite variação.

3.1.1 CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER*

O verbo *ter* pode ser empregue para indicar a posse, constatar um facto, descrever ações frequentes. É verbo principal e/ou auxiliar caracterizado como *transitivo direto*, em estruturas frásicas SPOD (Sujeito/Predicado/Objeto Direto), que pode ser substituído por (*o, a, os, as*), neste caso, pronomes pessoais em forma de objeto direto.

2a) O aluno *tem* materiais escolares oferecidos pelo Diretor da escola¹. – SPOD – verbo principal

2b) Quando eu cheguei a casa, ele ainda não *tinha comido*. – SPOD – verbo auxiliar

A ação descrita em 1a) indica a posse, uma vez que o aluno é detentor dos materiais escolares, enquanto 1b) é uma constatação de um facto, apresentando uma ação no passado.

¹Os exemplos apresentados foram retirados do questionário elaborado para esta investigação.

3.1.2 CONSTRUÇÕES COM O VERBO *Haver*

O verbo *haver* pode estar associado a vários sentidos de acordo com a intenção comunicativa: “ter”, “possuir”, “pensar”, “julgar”, “considerar”, “obter”, “conseguir”, etc., e é considerado um verbo impessoal, porque conjugado apenas na 3ª pessoa, e pessoal, quando é auxiliar, flexionando-se em pessoa e número quando utilizado como verbo principal sem sujeito.

Neste sentido, apoiámo-nos em Cunha e Cintra (2015) para apresentar, de forma resumida, as cinco funções deste verbo: (i) emprega-se em todas as pessoas, quando surge como auxiliar, como verbo principal com o sentido de *conseguir*, *obter*, *alcançar* *adquirir*, etc.; (ii) como verbo principal, no português médio e antigo, com a significação de ter, possuir, julgar, considerar, *ter* para si; (iii) em locuções como *haver por bem* com o sentido de *dignar-se*, *resolver*, *assentar*, *julgar oportuno ou conveniente* e *haver mister*, com a significação de precisar, necessitar; (iv) como verbo impessoal, sem sujeito, com o sentido de existir, em que se conjuga apenas na 3ª pessoa do singular e (v) quando exprime existência, seguido de *dever*, *ir*, *poder*, etc., sendo também impessoal. (Cunha & Cintra, 2015, pp. 664-668)

Estes linguistas chamam a atenção para a construção impessoal do verbo *haver*, quando é o sinónimo de existir, referindo que:

O verbo *haver*, quando sinónimo de existir, constrói-se de modo diverso deste. Nesta aceção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, substituí-lo, o pronome pessoal o (a, lo, la). Existir, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente (Cunha & Cintra, p. 668).

3a) **Há tantas folhas** pelas calçadas! ou

3b) **Existem tantas folhas** pelas calçadas! (p. 668)

Os gramáticos advertem que as construções como as de 4a) e 4b), utilizadas por escritores do século passado, hoje não devem ser imitadas (Cunha e Cintra, 2015, p. 668), por serem consideradas agramaticais.

4a) **Houveram muitas lágrimas** de alegria. (Camilo Castelo Branco, V, 82.)
(p.668)

4b) **Ali haviam vários deputados** que conversavam de política. (Machado de Assis, OC, II, 67-68.)

3.1.3 CONSTRUÇÕES COM *TER* E *HAVER* AUXILIARES

Os verbos *ter* e *haver* são considerados por Gonçalves e Costa (2002, p. 39) “auxiliares² puros do Português” a par de *ser* e *estar*. Relativamente ao verbo *haver*, Cunha e Cintra (2015, p. 495) indicam que este verbo é “(...) mais utilizado na escrita, sobretudo no pretérito-mais-que-perfeito composto.”

5a) Já *havia* terminado o prazo.

Por sua vez, Cuesta e Luz (1971) afirmam que

Os chamados tempos de obrigação formam-se geralmente, em português, com os auxiliares *ter*, *haver*, a preposição *de* ou conjunção *que* o infinitivo do verbo *que* se conjuga, mas na primeira pessoa do singular e do plural não se pode empregar *haver*, que expressa simplesmente propósito, em vez de obrigação Cuesta e Luz (1971, p. 429- 430).

6a) **Tinha** de estudar até muito tarde.

6b) **Tenho que** trabalhar muito amanhã.

6c) **Hei-de** trabalhar muito amanhã.

Por outro lado, o verbo *ter* (*de*) modal, constrói-se com infinitivo, podendo, por vezes, apresentar a construção alternativa *ter* (*que*) com a mesma leitura (Raposo *et al.*, 2013, pp. 650-651), “embora *ter* (*que*) seja considerado menos normativo que *ter* (*de*)” (p.646). Com esta propriedade, “*ter* (*de*) usa-se em todos os tempos e admite a combinação com o infinitivo composto” (*idem*, p. 646). O verbo *ter* também pode exprimir a ideia de necessidade, como por exemplo “*Tenho de comer qualquer coisa*” (*idem*, p. 647), enquanto *haver* (*de*) pode referir a uma ideia temporal futura ou mesmo de obrigação, como em “*Eu hei de ver esse filme*” (p. 650) e “*Tu hás de comer a sopa a bem ou a mal*” (*idem*, p. 650).

Parece existir, no português de STP, uma preferência por “*ter que*” em expressões que denotam obrigação, como é o caso de “*Tenho que fazer o trabalho da escola.*”

² Cf. Gonçalves & Costa 2002, p. 97

Gonçalves e Costa (2002, p. 430) esclarecem que a “(...) ideia do futuro real se passa também à de futuro potencial.”, em frases como:

7a) Eles **hãõ-de** estar aparecer por cá.

7b) **Tem de** chegar por volta das quatro.

No que diz respeito às frases interrogativas, a perifrástica com *haver* emprega-se para denotar incredulidade ou dúvida sobre a conveniência ou inconveniência de fazer algo (p. 430):

18a) **Havemos de** escrever ou não?

Os verbos auxiliares também são utilizados para indicarem ações com valores aspectuais diferentes, de acordo com o tempo e o modo empregues. Neste sentido, Gonçalves e Costa (2002, pp. 49-57) defendem que “O verbo *ter* é utilizado no indicativo para a construção das formas verbais compostas, introduzindo valores temporais específicos na predição” e indicam os valores aspectuais deste verbo de acordo com os tempos verbais.

4. VERBOS *TER* E *HAVER* NO CONTEXTO SÃO-TOMENSE: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

O questionário baseou-se em “frases amostras” sobre o uso dos verbos *ter* e *haver* no contexto oral são-tomense. Esta análise permitiu-nos observar o comportamento dos dois verbos, atendendo a três situações de uso:

- (i) *Ter* como verbo que indica a posse, na 3ª pessoa do singular (verbo principal);
- (ii) *Ter* em estruturas frásicas existenciais, substituindo o verbo *haver* (verbo impessoal - orações sem sujeito);
- (iii) *Ter* e *haver* em expressões pessoais, utilizados como locuções verbais (auxiliar + PP).

Considerámos pertinente associar duas expressões idênticas para cada item, com os verbos *ter* e outra com *haver*, de forma que os falantes pudessem analisá-las e selecionar aquela a que mais recorre em contextos de comunicação oral. Assim, acedemos ao funcionamento destes dois verbos em contexto, atendendo a:

- a) Situações em que o verbo *ter* é utilizado como verbo principal, com o sentido de possuir, como é o caso das expressões do questionário demonstradas em n) e o);
- b) Expressões em que *ter* surge como auxiliar, como por exemplo em a), l);
- c) Situações comunicativas em que os verbos surgem como auxiliares, por exemplo, em h).

De acordo com os critérios estabelecidos, produzimos expressões que serviram de suporte para esta pesquisa. O falante deveria escolher aquela que lhe parecia mais aproximada ao seu uso da língua:

- a) Ele não foi ao Príncipe, porque não teve barco. ___
- a) Ele não foi ao Príncipe, porque não houve barco. ___
- b) Houve muita gente na festa de ontem em Riba Mato. ___
- b) Tinha muita gente na festa de ontem em Riba Mato. ___
- c) Mãe, tem muito peixe no mercado. ___
- c) Mãe, há muito peixe no mercado.
- d) Quando fui, não tinha gente em casa. ___
- d) Quando fui, não havia gente em casa
- e) Há peixe na panela. Tira a tua parte e deixa a outra para o teu irmão. ___
- e) Tem peixe na panela. Tira a tua parte e deixa a outra para o teu irmão.
- f) Tem cadernos na mochila dele. ___
- f) Há cadernos na mochila dele.

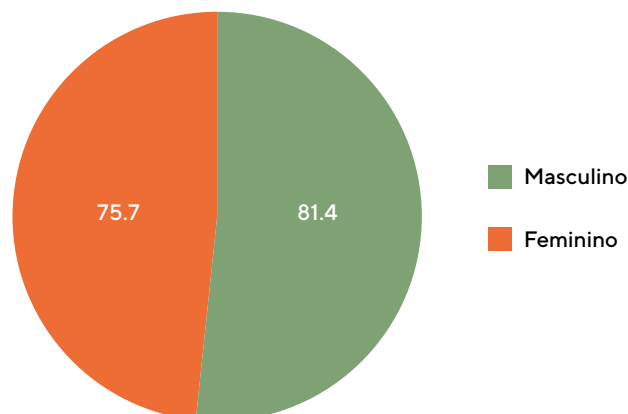
- g) Tem 5 anos que eu não vi Jorge. ___
 g) Há 5 anos que eu não vi Jorge.
 h) Quando eu cheguei em casa, ele ainda não tinha comido. ___
 h) Quando eu cheguei em casa, ele ainda não havia comido.
 i) Havia muitos rapazes a brincarem no jardim da escola. ___
 i) Tinha muitos rapazes a brincarem no jardim da escola.
 j) Em minha casa, há pessoas que não gostam de passear. ___
 j) Em minha casa, tem pessoas que não gostam de passear.
 k) Se tiver peixe no mercado, liga-me. ___
 k) Se houver peixe no mercado, liga-me.
 l) Vamos à casa da minha avó para vermos se há lá alguém em casa. ___
 l) Vamos lá da minha avó para vermos se tem alguém em casa.
 m) No mercado, tem feirantes que não respeitam as autoridades camarárias. ___
 m) No mercado, há feirantes que não respeitam as autoridades camarárias.
 n) Você havia razão quando disse aquilo ao Mário. ___
 n) Você tinha razão quando disse aquilo ao Mário.
 o) O aluno tem materiais escolares oferecidos pelo Diretor da Escola. ___
 o) O aluno há materiais escolares oferecidos pelo Diretor da escola.

A caracterização sociodemográfica da amostra correspondeu a três parâmetros, a saber: o género, a idade e a escolaridade. Em relação ao primeiro, cabe assinalar que o total da amostra (100%) correspondeu a 52% de inquiridos do género masculino, para uma percentagem de 48% do género feminino.

Relativamente às expressões que foram colocadas, no que se refere ao uso dos verbos *ter* e *haver* com o sentido de existir, nas expressões a), b), c), d), e), f) g), i) j) k), l), m) indicadas no questionário, os dados, quanto ao género, nível de escolaridade e faixa etária, apontam para o seguinte:

- (i) No que diz respeito ao género, 81,4% de indivíduos do sexo masculino indicaram que recorrem mais ao verbo *ter* nessas construções em relação aos do sexo feminino com 75,7%, o que nos faz concluir que há mais influência registada nos homens que nas mulheres, quanto ao uso deste verbo, ainda que não seja significativa a diferença.

Gráfico 1 - Uso de *ter* e *haver* com o sentido de existir, por género.



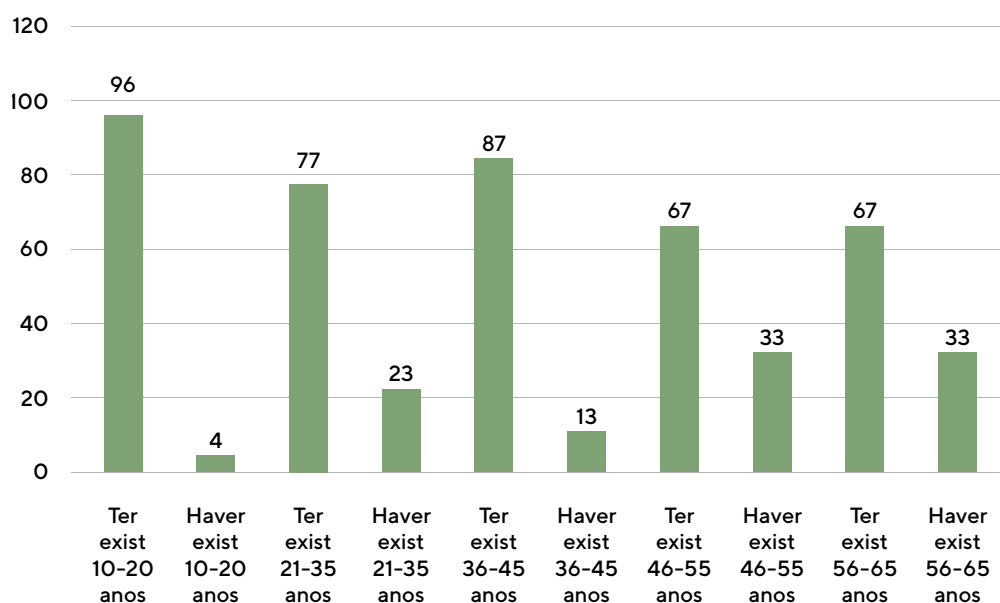
- (ii) Em relação à idade, foram identificados cinco intervalos: 10 a 20 anos - 8%; 21 a 35- 44%; 36 a 45 anos - 36%; 46 a 55 anos - 4% e de 56 a 65 - 8%.

Relativamente ao uso do verbo *ter* com o sentido existir, varável faixa etária, os dados apontaram para:

- (i) Os enunciados produzidos com o verbo *ter*, na variável “faixa etária” são os seguintes: a maior percentagem situa-se entre os 10 e os 20 anos, com 96%; a faixa situada entre os 21 e os 35 anos correspondem a 77%, enquanto os da faixa entre os 36 a 45 anos, representam os 87%.

Os resultados obtidos quanto às faixas de 46 e os 55 anos e 56 a 65 anos são os mesmos para ambas as faixas - 67%. No que se refere às faixas 46 a 55 anos e 56- 65 anos, 33% indicaram que recorrem ao verbo *ter* para construir expressões com o sentido de existir.

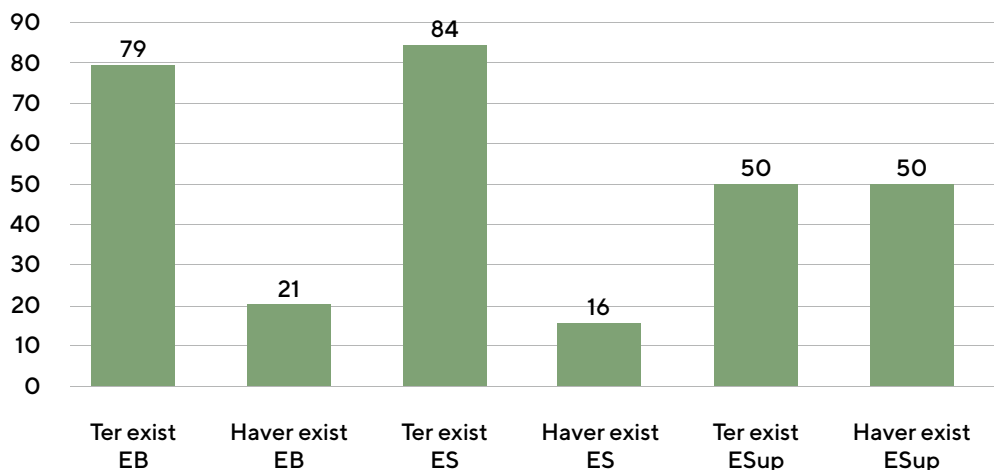
Gráfico 2 – Uso do verbo *ter* com o sentido de existir por faixa etária.



Confirma-se, no gráfico 2, que o fator idade influencia o uso do verbo *ter* e *haver*. Os mais jovens quase não utilizam o verbo *haver* nas suas construções comunicativas. Na observação do gráfico, nota-se que há um declínio na utilização de *haver* existencial, em relação ao *ter*, o que nos faz acreditar que as variações linguísticas que ocorrem a este nível afetam pouco os mais velhos.

No que diz respeito ao nível de escolaridade, o gráfico 3 demonstra a tendência de os falantes são-tomenses escolarizados para o uso do verbo *ter* em detrimento de *haver* com o sentido de existir. A variável escolarização correspondente ao ensino básico representa 79% da amostra; o ensino secundário 84% e o ensino superior 50%.

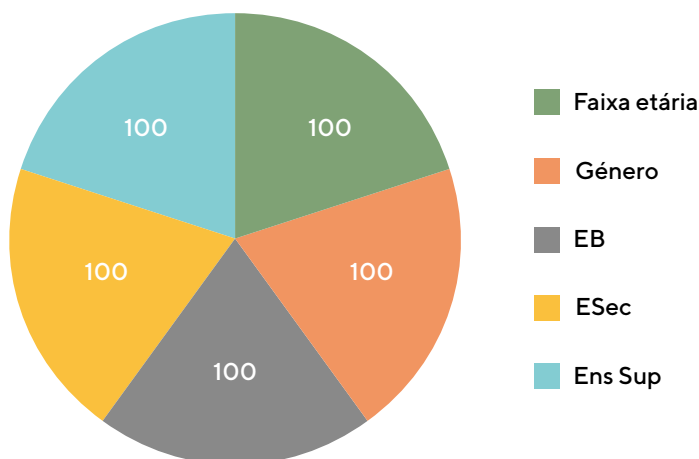
Gráfico 3 – Verbos *ter* e *haver* com o sentido de existir por nível de escolaridade.



Ainda que se possa admitir que o nível de escolaridade influencia a escolha, há que notar que mesmo com uma escolarização ao nível do ensino superior, em que se exige o uso da língua obedecendo ao seu registo formal, há uma tendência dos falantes para o uso de *ter* impessoal em vez de *haver*. Assim, as variações que se registam a este nível também afetam os falantes com um nível de escolaridade considerado alto, uma vez que os dados das amostras indicaram para uma partilha entre os dois verbos.

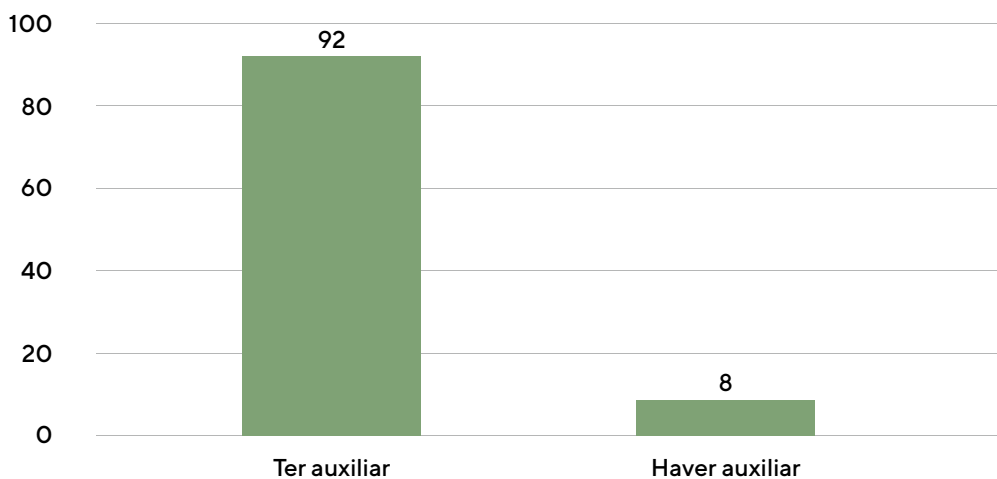
Ainda que existam expressões em que o verbo *haver* possa *ter* o sentido de «ter» e «possuir», como indicam Cunha e Cintra (2015, p. 666), tal não será o caso das expressões como “**Você havia razão quando disse aquilo ao Mário.*” e “**O aluno há materiais escolares oferecidos pelo Diretor da escola.*”, que foram indicadas pelos inquiridos como expressões que não ocorrem no PST. Este facto vem demonstrar que o verbo *ter* conserva as suas propriedades, como verbo pessoal, de posse, e que seleciona um sujeito, tanto que 100% dos inquiridos selecionaram as expressões “*Você tinha razão quando disse aquilo ao Mário.*” e “*O aluno tem materiais escolares oferecidos pelo Diretor da escola.*”.

Gráfico 4 – *Ter* com sentido de posse.



Relativamente ao uso de *ter* em construções de orações com locuções verbais (V+PP), verificámos que 92% dos inquiridos optaram pela expressão formulada com o auxiliar *ter* e 8% seleccionaram a construção com o *haver*, conforme ilustra o gráfico 6.

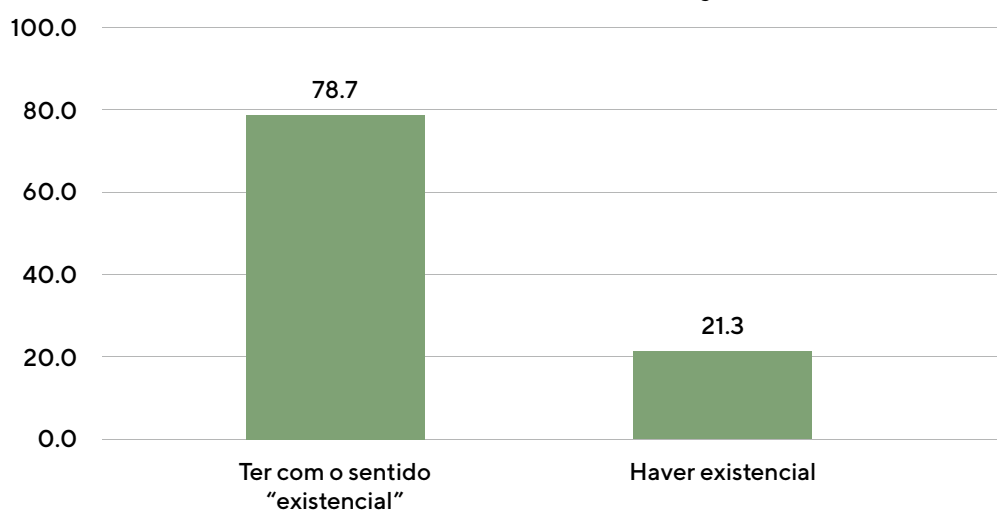
Gráfico 5 – *Ter* e *haver* auxiliares.



Pelo contexto de utilização dos dois verbos auxiliares, embora sejam consagrados como auxiliares puros pela gramática, existe um comportamento linguístico diferenciado no falar são-tomense, derivado da simplificação comunicativa, que, através das frases colocadas à consideração dos falantes, demonstra uma forte tendência para o uso do verbo *ter* como auxiliar, em vez de *haver*.

Relativamente aos dados comparativos gerais, verificamos que o uso de *ter* existencial em vez de *haver*, regista 78,7% , por oposição a apenas 21,3% da amostra que seleciona *haver* como auxiliar.

Gráfico 6 – *Ter* e *haver* com o sentido de existir – Dados gerais.



Podemos assim considerar que, de acordo com as propriedades sintáticas do verbo *haver*, este verbo seleciona apenas um argumento, o interno, com a função de objeto direto. Esta estrutura, **verbo + objeto direto** mantém-se quando este verbo é substituído por *ter* em construções existenciais no PST.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características atribuídas ao português em São Tomé e Príncipe estão relacionadas com as especificidades que este idioma assume no contexto em que é usado. O português são-tomense tende a constituir-se como uma variedade do português, com as suas características próprias. O nosso artigo chamou a atenção para os usos dos verbos *ter* e *haver*, mas existem outras formas de variação que ocorrem na fala são-tomense e que ainda não foram objeto de análise sistematizada. Embora se saiba que as variações linguísticas ocorrem predominantemente em situações de uso oral, estas escolhas influenciam, como é evidente, o registo escrito.

Relativamente ao estudo que nos ocupou, a análise do questionário permitiu-nos concluir que em construções que denotem ‘possuir’, os falantes optam por *ter* em vez de *haver*. Portanto, não há a alteração semântica deste verbo quando é empregue com o sentido de posse. Em *Você tinha razão quando disse aquilo ao Mário* ou *O aluno tem materiais escolares oferecidos pelo Diretor da Escola*, 100% dos inquiridos selecionaram o verbo *ter*.

No que concerne à ocorrência dos dois verbos em locuções verbais, há uma clara preferência dos falantes para o uso de *ter*, que se plasma no facto de 92% dos falantes optarem por *ter* como auxiliar, como acontece, por exemplo, em *Quando eu cheguei em casa, ele ainda não tinha comido* em relação a *Quando eu cheguei em casa, ele ainda não havia comido*. O verbo *haver* demonstrou ser pouco escolhido pelos falantes, em contextos em que se exige a utilização do mesmo como auxiliar a par do verbo *ter*.

Em relação ao *ter* existencial no PST, as amostras comparativas indicadas nas três variáveis sociodemográficas – género, faixa etária e escolaridade –, demonstram que 76,4% dos falantes optam pela utilização do verbo *ter* em vez de *haver*, como *Tem 5 anos que eu não vi Jorge*.

No PST há preferência pelo uso de *ter* existencial em vez de *haver*, mas, pese embora este facto, a estrutura sintática não se altera, mantendo sempre um sujeito nulo expletivo, que seleciona um argumento interno, o objeto direto, quando se recorre ao *ter* como impessoal. O que se verifica no PST é a sobreposição do verbo *ter* em relação a *haver* em expressões que indiquem ocorrência ou acontecimento, dando origem à alteração da propriedade semântica de *ter*, estabelecido como verbo que indica a posse e que seleciona um “sujeito +humano”.

Acontece, porém, que, mesmo em situações em que *haver* ocorre como auxiliar, os falantes recorrem tendencialmente ao verbo *ter*. Logo, o verbo *ter* no PST mantém as suas propriedades como verbo de posse e auxiliar, mas assume propriedades que, inicialmente, não lhe estavam atribuídas, passando a funcionar, também, como verbo existencial.

Face aos dados apresentados, propugnamos a existência de uma língua portuguesa de carácter pluricêntrico. Comprova-se a existência de uma variedade do português em São Tomé e Príncipe, como se verifica, obviamente, nos outros espaços, onde esta língua é falada. O pluricentrismo da língua portuguesa não coloca em causa a sua unidade, mas antes a torna mais rica pelos espaços geográficos que ocupa. A existência de uma língua de uso flexível que atenda aos ensejos comunicacionais de cada comunidade tornará a língua viva. A variedade é parte fundamental da vitalidade da língua. Os desafios da língua portuguesa como língua pluricêntrica estão relacionados com a conceção que é atribuída ao português como idioma unificador e que vai ao encontro das demais diversidades linguísticas. A promoção da língua portuguesa como língua global só terá sucesso se atender aos interesses comunicacionais distintos dos seus falantes.

REFERÊNCIAS

- Afonso, H. Interferências linguísticas: um contributo para o ensino de língua portuguesa em S. Tomé e Príncipe. [Tese de Mestrado]. Universidade de Lisboa; 2009 [Acedido em 20/06/2021]. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/480>.
- Chomsky, N. O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso. Lisboa: Editorial Caminho; 1986.
- Cuesta, P., Luz, M. Gramática portuguesa. Lisboa. Edições 70; 1971.
- Cunha, C., Cintra, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 22ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.; 2015.
- Dias, P. Contribuições da sociolinguística educacional para materiais de formação continuada de professores de Língua Portuguesa. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Brasília; 2011. Acedido em 24/03/2021.
- Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9336/1/2011_PaulaMariaCobucciRibeiroDias.pdf.
- Gonçalves, A., Costa, T. Compreender os verbos auxiliares: descrição e implicações para o ensino do Português. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português; 2002.
- Gonçalves, R., Hagemeyer, T. O português num contexto multilingue: o caso de São Tomé e Príncipe. Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Letras e Ciências Sociais. 2015; 1(1): 87-107
- Ferreira, et al. Variação linguística: perspectiva dialetológica. In: Faria, I et al. (orgs) Introdução à Linguística Geral Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho; 1996.
- Marçalo, M. J., Vicente, R. e Lima-Hernandes, M. C., “Uma provocação à consciência: as línguas de casa no Brasil e em Portugal, cap. 7, in Carvalhinhos, Patrícia e Lima-Hernandes, Maria Célia (org), A casa, o sapo e o baú- Português como língua de herança, p. 104 a 116, coleção AILP, vol.4, Rio de Janeiro, Editora Dialogarts;2019
- Marçalo, M. J., Geografias da língua portuguesa, normas e variação: Angola e Timor-Leste”, in Netto Salomão, Sonia (org.), Temas da Língua Portuguesa: do pluricentrismo à didática, Edizioni Nuova Cultura. Roma. p. 153-164. Edição comemorativa dos 20 anos da Cátedra de Língua Portuguesa na La Sapienza Universidade de Roma; 2020
- Mateus, M. Variação e variedades: o caso do português. Lisboa FLUL / ILTEC. Disponível em <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002-mhmateus-variacao.pdf>. Acedido em 22/03/2021.
- Martinet, A. Elementos da linguística geral. 11ª Edição. Lisboa. Livraria Sá da Costa; 1991.
- Raposo et al. Gramática do português. Vol. I. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian; 2013.
- Xavier, M., Mateus, M. Dicionário de termos linguísticos. Vol. 1. Lisboa. Associação Portuguesa de Linguística. Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Edições Cosmos; s/d.